



# DIÁRIO

## *da Assembleia Nacional*

X LEGISLATURA (2014-2018)

1.ª SESSÃO LEGISLATIVA

### REUNIÃO PLENÁRIA DE 22 DE DEZEMBRO DE 2014

**Presidente:** Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Diogo

**Secretários:** Ex.<sup>mos</sup> Srs. Celmira Sacramento

Aéron do Rosário

Nenésio Afonso

#### SUMÁRIO

O Sr. Presidente declarou aberta a sessão às 9 horas e 35 minutos.

O Sr. Primeiro-Ministro (Patrice Trovoada) apresentou o Programa do XVI Governo Constitucional, nos termos dos n.<sup>os</sup> 1 e 2 do artigo 219.<sup>º</sup> do Regimento da Assembleia Nacional.

Usou da palavra, além do Sr. Primeiro-Ministro (Patrice Trovoada), o Sr. Deputado Felisberto Afonso (UDD).

Por último, o Plenário adoptou o Programa do XVI Governo Constitucional.

O Sr. Presidente encerrou a sessão às 10 horas e 35 minutos.

O Sr. **Presidente** — Srs. Deputados, existe quórum, pelo que declaro aberta a sessão.

*Eram 9 horas e 35 minutos.*

*Estavam presentes os seguintes Srs. Deputados:*

Accção Democrática Independente (ADI):

**Abnildo** dos Nascimento D' Oliveira  
**Adérito** de Silveira **Bonfim** dos Ramos Borges  
**Adilson** Cabral **Managem**  
**Alberto Manuel dos Santos**  
**Alda** Quaresma D' Assunção dos **Ramos**  
**Álvaro** João **Santiago**  
**Ângela** dos Santos Ramos José da Costa **Pinheiro**  
**Arlindo** Quaresma dos **Santos**  
**Berlindo** Branco Vilela **Silvério**  
**Bilaine** Carvalho Viegas de **Ceita**  
**Carlos** Manuel Cassandra **Correia**  
**Cecílio** Quaresma da Graça do Sacramento  
**Celmira** D'Almeida do **Sacramento**  
**Egrinaldino** de Carvalho **Viegas** de Ceita  
**Elísio** Osvaldo Espírito Santo D'Alva **Teixeira**  
**Evaristo** do Espírito Santo **Carvalho**  
**Flávio** Pires **Mascarenhas** dos Ramos  
**Idalécio** Augusto **Quaresma**  
**Ismael** da Glória do Espírito Santo  
**Ivo** Mendonça da Costa  
**José António** do Sacramento Miguel  
**José Carlos** Cabral D'Alva  
**José** da Graça **Diogo**  
**José Manuel** Macumbo **Costa Alegre**  
**Levy** do Espírito Santos **Nazaré**  
**Mário Fernando**  
**Martinho** da Trindade **Domingos**  
**Nenésio** Quaresma **Afonso**  
**Octávio** da Costa de Boa Morte Fernandes  
**Ossaquio** Perpetua Rioa  
**Pedro Jorge** de Abreu e Carvalho  
**Sebastião** Lopes **Pinheiro**  
**Silvestre** Moreno Mendes

Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD):

**Aéron** do Rosário **Crisóstomo**  
**Ana Isabel** Meira **Rita**  
**António** da Trindade Afonso **Ramos**  
**António Monteiro** Fernandes  
**Arlindo** Barbosa Semedo  
**Beatriz** da Veiga Mendes **Azevedo**  
**Domingos Monteiro** Fernandes  
**Elsa Maria** Neto D'Alva Teixeira **Pinto**  
**Guilherme Octaviano** Viegas dos Ramos  
**Jaime** Pires Sequeira de Menezes  
**Jorge Amado**  
**José** da Graça **Viegas** Santiago  
**Leonilda** Marcelina de Sequeira M. A. da Mata  
**Mohamed** Guadalupe Ramos da **Gloria**  
**Raúl** António da Costa **Cravid**  
**Vasco** Gonçalves **Guiva**

Partido de Convergência Democrática (PCD):

**Danielson** Alcântara Fernandes **Cotú**  
**Delfim** Santiago das **Neves**

**Filomena Maria de Fátima Dias Xavier de Pina dos Prazeres**  
**Jorge Dias Correia**  
**José Luís Xavier Mendes**

União dos Democratas para a Cidadania e Desenvolvimento (UDD):  
**Felisberto Fernandes Afonso**

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, suspendo a sessão para aguardar a entrada do Sr. Primeiro-Ministro e o seu elenco governamental.

*Pausa para entrada do elenco governamental.*

Sr. Primeiro-Ministro e seu elenco governamental sejam bem-vindos a esta Casa Parlamentar. Hoje temos agendado a apresentação do Programa do XVI Governo Constitucional. Portanto, como poderão verificar no Boletim Informativo, distribuído ainda esta manhã para os Srs. Deputados, temos logo no primeiro ponto «Apresentação do Programa do Governo» que se vai confinar a uma declaração do Sr. Primeiro-Ministro.

Gostaria também de dizer que a primeira parte está reservada a declaração, depois temos o outro ponto que está previsto o pedido de esclarecimento por parte das Sras. e Srs. Deputados e por fim entraremos no debate.

Dito isto e sem mais delongas, gostaria de convidar o Sr. Primeiro-Ministro a fazer a sua intervenção.

O Sr. **Primeiro-Ministro** (Patrice Trovoada): — Sr. Presidente da Assembleia Nacional, Excelência, Sras. e Srs. Ministros, Excelências, Sras. e Srs. Deputados, Excelências, Caros Assistentes, Estimados Público presente, Excelências: Quero, em primeiro lugar, em nome do XVI Governo Constitucional, que tenho a honra de liderar e no meu próprio, exprimir-vos as nossas mais sinceras felicitações e o nosso mais profundo sentimento de respeito e responsabilidade perante esta magna Assembleia Nacional que constitui a X Legislatura, e desejar felicidades a cada um dos seus ilustres membros no exercício desta nobre função de representante do povo.

Em segundo lugar, quero aproveitar esta ocasião que me oferece este novo círculo político e apresentação do Programa do Governo, para felicitar Sua Excelência o Sr. Engenheiro José da Graça Diogo pela sua eleição no passado dia 22 de Novembro ao tão elevado cargo de Presidente desta augusta Assembleia.

O Governo que dirijo, está, Sr. Presidente, profundamente convencido que encontrará sempre na sua pessoa e na de cada um dos representantes do povo aqui presentes toda a lealdade, devoção total à nobre causa de defesa dos interesses da Nação e o inabalável posicionamento de democrata convicto, responsável, corajoso e determinado a trabalhar no sentido de aprofundar a democracia em São Tomé e Príncipe, melhorar o funcionamento das instituições e contribuir decisivamente para a mudança das condições de vida de todo o nosso povo.

Por isso, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, sentimo-nos honrados por estarmos aqui hoje perante vós para apresentar formalmente o Programa do XVI Governo Constitucional.

Fazemo-lo, Excelências, com um misto de satisfação e de deceção.

Satisfação por constituir um dos momentos cimeiros do calendário das instituições democráticas e por representar o triunfo da democracia e dos seus ideais no nosso país, bem como uma adesão sem precedentes aos valores genuínos da liberdade, da boa governação, da transparência e da indissociabilidade da ética à vida política quotidiana.

Em contrapartida, habita-nos uma profunda deceção decorrente das inúmeras oportunidades perdidas, incalculáveis recursos desperdiçados e potencialidades infindáveis, pura e simplesmente, ignoradas.

Com bastante desilusão diremos ainda que já nada disso interessa. O que importa, Sras. e Srs. Deputados, é que todos sabemos que há um futuro e que esse futuro pode ser melhor ou pior e que esse desfecho depende em larga medida daquilo que fizermos hoje.

Temos de desenvolver a nossa capacidade de olhar para o futuro e deixar de subjugar permanentemente o nosso presente com o peso de um passado que todos rejeitamos. Mas é preciso olhar para o futuro, imaginá-lo, antecipá-lo e, na medida do possível, configurá-lo, estas tarefas já não podem ser executadas com as mesmas ferramentas utilizadas no passado.

Elas são hoje incapazes de apreender e compreender a sociedade em que vivemos e propor soluções válidas para fazer face aos novos desafios que o País enfrenta, com todos os seus constrangimentos, especificidades, fragilidades, mas também, com as suas potencialidades.

O mundo mudou! Não se trata apenas de um facto perante o qual somos absolutamente impotentes, como também devemos tirar dele as devidas consequências. Mas não só o mundo mudou, como sobretudo as mudanças ocorrem à alta velocidade.

A nação que não for capaz de acompanhar essas mudanças e ajustar as suas ferramentas de previsão e antecipação, a sua força de trabalho, a sua capacidade de intervenção, o seu saber e as suas competências ficará irremediavelmente relegada.

Sr. Presidente da Assembleia Nacional, Sras. e Srs. Deputados: Devo, antes de prosseguir com a apresentação do Programa, reconhecer a existência de algumas falhas, lapsos e redundâncias no documento, e que, não afectando o conteúdo do Programa, representam sempre um incómodo para o seu manuseio, pelo que desde já apresento as minhas desculpas ao mesmo tempo que solicitamos a vossa indulgência.

Não resistirei a tentação de tecer aqui algumas considerações preliminares, certamente também redundantes, mas absolutamente necessárias para que todos entendam primeiro os desafios que temos pela frente e, em segundo lugar, o sentido e o alcance do Programa que aqui iremos apresentar.

Completaremos no dia 12 de Julho do ano que se avizinha 40 anos como nação independente e soberana. No entanto, de acordo com os dados do último Recenseamento Geral da População e Habitação, a pobreza relativa afecta cerca de 60% dos nossos concidadãos.

Apesar das inúmeras e sucessivas estratégias de combate contra esse autêntico flagelo e das políticas públicas assaz onerosas implementadas pelos governos, a tendência vai no sentido de alastramento do fenómeno atingindo sectores cada vez mais importantes da população, enquanto a riqueza concentra-se num grupo cada vez menor de pessoas.

Para além disso, não foram tomadas ao longo do tempo medidas mitigadoras dos constrangimentos e vulnerabilidade do País e da sua condição de microestado insular, ou as medidas adaptadas não foram implementadas com vigor e a coerência requeridos, num cenário de concorrência global.

O País foi persistindo teimosamente ao longo das últimas décadas nos mesmos erros, nas mesmas políticas, nos mesmos modos de actuação e foi naturalmente incapaz de se sobrepor às adversidades e guindar-se para patamares de crescimento e expansão da sua economia.

No plano internacional ocorreram mudanças que não tivemos em devida conta e, por conseguinte, não as integramos nas nossas políticas. Convém notar que as mudanças políticas que tiveram lugar, veio juntar-se uma crise económica e financeira com consequências devastadoras, quer para países grandes e desenvolvidos, quer para países pequenos e ditos subdesenvolvidos.

Duramente atingido pela crise mundial e por uma maior exigência interna, os países amigos afrouxaram a sua generosidade. A ajuda pública internacional já de si insuficiente, para tratar os males globais de natureza diversa, minguou significativamente. Ao mesmo tempo, os conflitos proliferaram em várias regiões do globo, enquanto os instrumentos tradicionais de cooperação, quer bilateral quer multilateral, tornaram-se incapazes de atrair recursos suficientes para fazer face às necessidades crescentes das populações.

Apesar de tudo isso, o País não foi capaz de fazer a ruptura necessária e mudar de rumo. As reformas fundamentais para desbloquear o País foram sendo continuamente adiadas ou realizadas de modo parcelar e intermitente.

Por tudo isso, vivemos num Estado exageradamente «orçamentívoro», ineficiente, ineficaz e, sobretudo, distante do povo e inibidor das suas iniciativas. Forjamos um Estado injusto para com os cidadãos, que não trata de modo igual os seus cidadãos, que carece de uma verdadeira malha de solidariedade nacional.

Excelências, em nome da continuidade do Estado, o XVI Governo respeitará escrupulosamente todos os seus compromissos, mas fará com o mesmo vigor todas as rupturas e reformas que se revelarem necessárias para garantir a coerência do Estado, das suas instituições e das suas políticas, em prol dos interesses supremos da nação e do bem-estar do povo de São Tomé e Príncipe.

Construir um São Tomé e Príncipe melhor para todos os sãotomenses e todos aqueles que escolheram de livre vontade viver no nosso país, continua a ser um desígnio colectivo que ultrapassa as fronteiras ideológicas e político-partidárias.

Uma vez mais, direi que construir esse São Tomé e Príncipe implica muita coragem, esforço, sacrifício e, nas actuais circunstâncias, bastante resistência e força de vontade para combater a corrupção que tomou conta do País, combater as injustiças, proteger os direitos, liberdades e garantias constantemente ameaçadas ou ainda combater os privilégios excessivos de que gozam injustificadamente certos sectores da nossa sociedade política e económica. Serão igualmente necessário paciência, tolerância e tempo. A paciência para ouvir, compreender e explicar. A tolerância para suportar as prendas envenenadas. Enfim, o tempo, porque o tempo é necessário para que as coisas sejam feitas e ele não consumido no passado impedindo que cada coisa fosse feita no seu devido tempo.

As reformas para pôr termo a esse estado de coisas serão duras e difíceis. Temos, no entanto, uma certeza. Elas serão feitas, mas jamais e nunca seja contra quem for. Elas serão feitas no respeito pelas regras democráticas estabelecidas, no respeito pela diferença e em prol de todos e de uma sociedade mais aberta, mais justa, mais dinâmica e mais coesa.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados: O Programa que submetemos à vossa apreciação, no respeito pelo imperativo constitucional de primeira grandeza, não é certamente um poço de novidades. Encontrarão

nele similitudes evidentes com programa anteriormente apreciado nesta Câmara. Mais do que um reflexo de uma falta de imaginação e criatividade ou mesmo plágio, é uma prova irrecusável de que o nosso país marcou passos, não evoluiu, não cresceu, não resolveu os problemas a muito identificados, que permanecem na generalidade os mesmos, apresentando-se hoje sob formas, configurações distintas e complexidade acrescida, requerendo recursos, quer humanos ou materiais quer financeiros mais significativos.

O País vive hoje uma situação extremamente difícil. Foram quebradas as pontes com as fontes de financiamento, traduzidas, aliás, na paralisação quase total dos projectos de investimento público iniciados pelo XIV Governo ou mesmo pelo Governo que o sucedeu.

Nada que nos surpreenda verdadeiramente. Temos, no entanto, plenamente consciência da gravidade da situação do País e da delicadeza da missão que acabamos de assumir, bem como dos esforços que devem ser rapidamente empreendidos para forçar a inversão da marcha.

Quero aqui afirmar que o XVI Governo tem único inimigo: a pobreza e, naturalmente, todas as suas causas. Nesse sentido, nos preocupa o que cada um faz para tornar este país melhor.

O respeito pela Constituição da República é fundamental num Estado de direito democrático.

A colaboração incondicional e sem ideias pré-concebidas entre os órgãos de soberania é imprescindível. A assunção por todos e cada um de nós das nossas responsabilidades é absolutamente necessária.

Temos, em primeiro lugar, de estar dispostos a trabalhar e lutar pelo nosso país, adoptar regras sãs de vida, de convivência democrática e de governação. Este é o passo que teremos de dar antes de estender as mãos e gritar pelo socorro.

O esforço que é aqui solicitado nada tem de incomportável e só depende de nós e não está subordinado a quaisquer circunstâncias externas. Não o faremos se não quisermos. Mas saibamos que, se não o fizermos, ninguém o poderá fazer em nosso nome.

O Programa do XVI Governo Constitucional assenta essencialmente nas principais preocupações expressas pelo povo de São Tomé e Príncipe, consubstanciada na luta contra o desemprego, particularmente o desemprego jovem, o reforço da coesão social e o distanciamento cada vez mais crescente entre a administração e os administrados.

Assim, o referido Programa desenvolve-se em duas apostas fundamentais, a saber: uma aposta no crescimento económico gerador de emprego e outra aposta na coesão social e na credibilização externa.

Deste modo, o XVI Governo Constitucional pretende impulsionar um crescimento económico que seja gerador do emprego. O Governo está, pois, convencido de que a pobreza só poderá ser eficazmente combatida quando formos capazes de atrair e domiciliar em São Tomé e Príncipe, investimentos directos e outros, que sejam capazes de gerar novos postos de emprego, em quantidade e qualidade, que respondem às necessidades do mercado de São Tomé e Príncipe.

O XVI Governo Constitucional assume, assim, o compromisso de introduzir uma nova política de crescimento, do emprego e da competitividade da nossa economia, assente fundamentalmente nos seguintes pilares: reforço do sector privado nacional mediante o fortalecimento das pequenas e médias empresas (PME's), particularmente do sector da transformação e dos serviços, atracção massiva de investimento privado estrangeiro, aumento da produtividade nacional e promoção e relance das exportações e formação, capacitação e valorização do capital humano.

Tudo isto significa uma melhoria do ambiente de negócios, que só se alcançará com quadros mais bem formados e vocacionados para um serviço público moderno, cuja missão é servir as pessoas e a economia do País. Isto implica, de igual modo, uma profunda reforma nas regras da Administração Pública de modo a tornar os seus procedimentos mais céleres, mais simplificados, mais transparentes e menos onerosas para os administrados, eliminando as redundâncias, o consumo desnecessário do tempo e o desperdício de recursos. Isto implica também a reforma da nossa justiça.

O Governo pretende evoluir para a criação de agências de promoção do turismo, do investimento e do comércio, capazes de impulsionar o turismo nacional quer interno quer internacional, bem como estimular as trocas internacionais. As pequenas e médias empresas devem, por um lado, estruturar-se de modo a tornarem-se aptas a concorrer às oportunidades de crédito, de mercado e de parceria que lhes sejam oferecidas e, por outro, transformarem-se num polo gerador de novos postos de emprego, criação de valor, num processo de industrialização progressiva do País.

É desta forma que a política económica financeira do Governo será orientada para fomentar o crescimento económico, reduzir o nível de endividamento nacional e o défice externo, fomentar a produtividade e a competitividade e promover uma sustentada criação de emprego. As reformas estruturais previstas neste Programa de Governo visam, pois, lançar as bases para o novo ciclo de prosperidade e crescimento a médio e longo prazo.

É nesta óptica, que a diversificação da economia, a melhoria do ambiente de negócios e o investimento da modernização das infra-estruturas económicas e sociais surgem nos eixos fundamentais da actuação governativa.

Reformas e incentivos diversos serão introduzidos nos sectores, tais como: o turismo, a pesca, a agricultura, o ambiente e as novas tecnologias de modo a que sejam exploradas todas as oportunidades de geração de novos postos de emprego que elas encerram.

O Governo desenvolverá iniciativa no domínio do empreendedorismo, com o propósito de capacitar fundamentalmente os jovens e estimular o auto-emprego e apoiar adequadamente as iniciativas empresariais. O Governo estará igualmente atento à modernização e construção de novas infra-estruturas, que constituem importantes factores de atracção de investimentos e de produção, na Ilha de São Tomé, como na Ilha do Príncipe, tais como: portos, aeroportos, o abastecimento de água, energia e telecomunicações, favorecendo em alguns casos os investimentos privados e noutros recorrendo a parcerias público-privadas, a financiamentos, a fundos perdidos, empréstimos concessionais de organismos bilaterais e multilaterais vocacionados para o desenvolvimento.

O controlo rigoroso das finanças públicas e a introdução de reformas inovadoras no sector financeiro constituirão preocupações do Governo, na medida em que o primeiro é uma condição básica para o crescimento saudável da economia e o segundo, um factor decisivo, quer para a mobilização das poupanças quer para o financiamento interno, tanto das entidades públicas como das entidades privadas.

Vivemos num país onde a maioria da população é representada pela juventude, onde uma boa parte dela tem acesso à informação e está presente na rede das novas tecnologias e sabe que há outras opções de vida do que aquilo que nós as temos oferecido até então.

Mas essa juventude é na sua esmagadora maioria pobre e padece das injustiças que grassam a nossa sociedade. Melhor do que ninguém a juventude conhece a realidade do País e vive a dicotomia entre ricos e pobres, entre aqueles que sofrem da extrema pobreza e aqueles que vivem na opulência, só comparável aos ricos dos países ricos. Esta afronta é tanto maior, quando, por um lado, nem mesmo a emigração é uma opção fácil e ao alcance de qualquer um e, por outro, essa acumulação imoral de riqueza por vezes resulta de privilégios adquiridos do exercício de cargos públicos ou de facilidades concedidas pelos titulares desses cargos em detrimento dos interesses gerais e colectivos.

Nestas circunstâncias, não pode haver coesão social quando a grande maioria não vê os seus direitos garantidos, nem satisfeitas as suas necessidades essenciais, estando, por isso excluída e vivendo literalmente à margem da sociedade.

Em contrapartida, ficam assim criadas as condições para uma ruptura, explosão sociais de consequências hoje inimagináveis. Daí o nosso mais sincero agradecimento ao povo de São Tomé e Príncipe, pelo seu bom-senso, sentido de responsabilidade, capacidade de discernimento e maturidade, que lhe permitiram escolher o caminho das urnas para manifestar o seu desejo de mudança, cujo Governo que aqui represento é a expressão mais genuína.

Temos plena consciência dessa necessidade de mudança, bem como da resistência a mudança que constitui igualmente um direito reconhecido e garantido, sendo, no entanto, certo que ninguém poderá travar essa vontade legítima e natural da mudança.

Indubitavelmente, a coesão social conduzirá a uma sociedade mais estável e mais pacífica sempre antecedida por uma vontade firme de reformar.

Excelências, Minhas Senhoras e Meus Senhores: Reclamamos a colaboração de todos, mas não temos ilusão em relação à inquebrável vontade de certos sectores de ver tropeçar e cair o XVI Governo Constitucional e à predisposição de violentar os espíritos mais frágeis ou ainda excitar os desejos legítimos mas repetidamente insatisfeitos e recalados das nossas populações, para que os votos de ontem se transformem amanhã numa ira irracional.

Devemos todos perceber que uma sociedade pacífica e harmoniosa não é só desejável como igualmente possível e ao nosso alcance. Os privilegiados de ontem devem ter a inteligência suficiente para perceber que numa sociedade com mais justiça, com mais ordem, com mais convívio será uma sociedade mais segura para todos e mais abençoada.

*Aplausos do ADI.*

No que respeita à coesão social, os desafios não são menores. Pois, está em causa a necessidade de destacar problemas que, não obstante alguns avanços realizados nos últimos anos, ainda perduram e tentam minar a nossa sociedade, como são os altos índices de pobreza e indigência; a desigualdade crescente entre os que têm e os que pouco ou nada têm; e as diversas formas de discriminação e exclusão social que se tornam cada vez mais visível, a problemática da equidade e género, sem esquecer a violência doméstica sob todas as suas formas.

O grande desafio da coesão social é criar condições para que pessoas, grupos e famílias usufruam dos seus direitos, tenham acesso aos recursos, participem socialmente, sejam protagonistas das suas próprias vidas e da sociedade onde se inserem, sejam no fundo cidadãos autónomos e responsáveis.

Esta preocupação está presente neste Programa, como será reflectida nas Grandes Opções do Plano. Para tanto, o Governo levará a cabo reformas profundas no sector da Educação e Formação, no sistema de saúde, nas pensões e reformas e na acção social, na justiça, na comunicação social, no acesso à internet, no sector da juventude, família e grupos vulneráveis, cultura, desporto, polícia, segurança e defesa da nossa soberania.

A justiça será objecto de uma profunda e imediata reforma. Porque teremos de começar por um sector e por um aspecto do nosso sistema de justiça, a reforma pretendida terá o seu início num aspecto com o qual

todos estamos de acordo e jamais se ouviu uma voz discordante: a obrigatoriedade e a efectividade da inspecção de todos aqueles que estão investidos de um poder especial, o de dirimir todos os conflitos que os demais mecanismos sociais de regulação não foram capazes de resolver.

Outra reforma simbólica, mas importante para a coesão e harmonia da nossa sociedade, é a inclusão da nossa diáspora mediante a extensão do direito de voto nas eleições legislativas e o reforço da sua participação plena no processo de desenvolvimento político, económico e social.

O mar ganha neste Programa uma nova dimensão, protagonismo e interesse, quer do ponto de vista da nossa soberania, quer do ponto de vista do nosso protagonismo regional e atlântico, quer do ponto de vista da economia nacional.

Apreender o potencial real do nosso mar, alargará a nossa noção de território nacional, da sua defesa e protecção.

Queremos lançar um processo contínuo e integrado de informatização da Administração Pública, com o propósito de facilitação e simplificação das tarefas administrativas e de proximidade, melhorar o acesso à informação e garantir a segurança dos documentos, valores e receitas do Estado.

Face aos desafios que nos colocam a problemática da segurança alimentar, da biodiversidade e salvaguarda do nosso património agrícola e florestal, a nossa agricultura tem de evoluir para níveis de pesquisas mais acentuadas. Daí a necessidade de reforço das capacidades das competências técnicas, bem como a necessidade de introdução de uma sensibilidade ecológica nas novas gerações.

Face à persistência da nossa dependência em relação aos recursos externos e as inflexões que o Governo pretende introduzir na sua abordagem a essa problemática, a cooperação internacional e o sector dos Negócios Estrangeiros terão um papel decisivo na procura de sinergias capazes de maximizar os resultados pretendidos, quer no que diz respeito à credibilização da nossa imagem externa, quer na coerência da nossa abordagem das parcerias, quer no que respeita à mobilização dos recursos destinados ao financiamento dos projectos de desenvolvimento.

A nossa integração regional deve assumir uma outra dimensão para que o seu impacto na nossa economia assuma maior relevo.

A cultura é outro importante factor de identidade e coesão nacional. O Governo considera-o como meio propício para a afirmação da são-tomensidade e de São Tomé e Príncipe na comunidade regional e mundial.

O desporto é também, inquestionavelmente, um elemento de coesão social e de inclusão social, proporcionando uma melhor qualidade de vida e o reforço da auto-estima e orgulho nacional.

O aprofundamento dos poderes locais é um imperativo do Estado democrático em que vivemos. Será necessário transferir mais poderes e mais recursos. É preciso incentivar a participação local dos cidadãos da resolução dos problemas que dizem directamente respeito e criar condições para uma maior proximidade entre os servidores e os beneficiários.

Como forma de promover a criação do emprego ao nível das autoridades descentralizadas, o Governo entende criar zonas especiais de desenvolvimento, que beneficiarão de um regime fiscal mais favorável para os Distritos de Lembá e Caué, bem como na Região Autónoma do Príncipe.

A habitação é indiscutivelmente um factor primordial de coesão social e de harmonia familiar. Daí que medidas de natureza diversa, que vão desde do planeamento, a política fundiária fiscal e creditícia, serão implementadas para que o acesso à habitação possa conhecer uma evolução mais significativa.

Escusado dizer que a juventude é o futuro da nossa nação e dela depende o que será São Tomé e Príncipe amanhã. Daí o nosso compromisso de trabalhar para que o País possa contar com uma juventude esclarecida e participante, sã, educada e competente.

Os diferentes grupos considerados vulneráveis, devido a circunstância de vária ordem, merecerão toda a nossa atenção. Em primeiro lugar, no sentido de reforço das suas associações representativas. Em seguida, através de apoios multiformes de modo a atenuar as insuficiências de que padecem e lograr, na medida do possível, a sua integração na sociedade.

A Região Autónoma do Príncipe fez uma opção ecológica acertada, constituindo hoje uma reserva da biosfera da UNESCO. O XVI Governo tudo fará para reforçar essa opção e a sua especificidade, visando a complementaridade entre as duas Ilhas. Para além disso, serão desenvolvidas acções e realizados investimentos que concorrem para a sua plena integração na comunidade nacional e no respeito pela continuidade territorial. Neste sentido, na medida do possível, será praticada uma discriminação positiva a favor das populações residentes na Região Autónoma do Príncipe de modo a atenuar e corrigir a prazo os desequilíbrios existentes.

Excelências: São essas, entre várias, as obras que nos esperam no domínio da coesão social, capazes de representar um novo contrato social entre o Governo e o povo.

Sr. Presidente da Assembleia Nacional, Sras. e Srs. Deputados: O XVI Governo acredita que com a estratégias sectoriais inscritas neste Programa em torno dos dois eixos fundamentais que são o crescimento económico gerador de emprego e a coesão social, e a credibilidade externa, São Tomé e Príncipe conhecerá a cabo dos quatro anos avanços notáveis e a nossa economia estará melhor alicerçada para oferecer aos jovens caminhos e oportunidades para um futuro melhor e aos mais velhos uma vida mais tranquila, uma sociedade mais justa, democrática, acolhedora e moderna.

Viva São Tomé e Príncipe!  
Viva a Democracia!  
Muito Obrigado!

*Aplausos do ADI.*

**O Sr. Presidente:** — Sr. Primeiro-Ministro, agradeço as palavras de felicitação dirigida a minha pessoa, como Presidente da Assembleia Nacional e aos demais Deputados. Quero aqui reiterar a minha firme vontade em promover um relacionamento leal e profícuo com o Governo da República.

Dito isto, passaríamos imediatamente a pedidos de esclarecimento por parte das Sras. e Srs. Deputados. Se houver alguém que queira fazer alguma intervenção nesse sentido, façam o favor de se inscreverem junto à Mesa.

Não havendo inscrições, passamos ao período de debate.

Tem a palavra o Sr. Deputado Felisberto Afonso.

**O Sr. Felisberto Afonso (UDD):** — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e seu elenco, Sras. e Srs. Deputados, bom dia. Chamo-me Felisberto Fernandes Afonso, vim de um distrito em que o índice da pobreza é de 65%, represento não só a população do Distrito de Lembá como todo o São Tomé e Príncipe.

Sou de um partido político, mas, em primeiro lugar, está o meu País e o meu povo. Desde 1990 que vivemos numa crise política e nada andou para frente e o povo ficou cansado. Chegou o momento em que o povo passou a compreender a política e deu ao ADI uma maioria absoluta para conduzir os destinos da população. Mas o povo não pediu a divisão! O povo quer a unificação. O ADI tem a maioria, mas queremos que o País dê passos para frente e que todos os são-tomenses estejam unidos, senão mesmo com a maioria não haverá hipótese.

Quero salientar que o País não está nada bem. Para pessoas que sabem o que é trabalho, o que é a vida, um país de 1001 Km<sup>2</sup> não tem meios para sustentar o vencimento dos seus funcionários durante 30 dias, quer dizer que todos estamos a afundar.

Temos que ter consciência política! Todas as pessoas que estão aqui formadas, formaram através dos recursos da agricultura. Os pais apanhavam caroço para vender e comprar os cadernos, as pessoas sabem como foi a nossa vida.

Quero que todos os políticos se lembrem como foi a nossa vida. Hoje temos uma vida difícil, há pessoas que têm só uma refeição por dia e as pessoas têm outra forma de pensar. Se estivermos a contar que temos a maioria, temos sim, mas o povo está a ver tudo que há-de-vir.

Vejo neste Programa toda a vida de São Tomé e Príncipe, tudo o que queremos está neste Programa. Peço paz! Sem a paz não há hipótese! Todos que estamos cá somos culpados, desde 1990 para cá. Nem a oposição, nem quem foi governo, ninguém deixou outro trabalhar. A política que reduziu o País desde 1990 para cá foi a política pelo poder, não havia política pelo desenvolvimento. Se houvesse uma política para o desenvolvimento de São Tomé e Príncipe teríamos dado passos. Um país que tem política pelo poder tem consequências, gera ambição pelo poder, inveja e ódio.

Temos que dar bom exemplo, quero que nesta Assembleia saímos louvados, ajudando este povo e a nós próprios. Um país que não produz nem os Deputados terão uma autonomia perante a população porque o povo não houve de ninguém. Neste momento, o povo não está a ouvir de ninguém, o povo não tem trabalho e qualquer pessoa que não tem trabalho vive mal.

Queria que deixássemos essa política de 1990! Vamos seguir um novo rumo, não criticando as pessoas! Vamos seguir para o trabalho! Meus senhores, primeiro é o trabalho, trocamos o trabalho pela política, qualquer país do mundo que troca o trabalho pela política não há solução. O trabalho é que significa o homem!

Por último, Sr. Primeiro-Ministro, quero dizer que o seu Governo visitou as nossas instituições, mas o Sr. Primeiro-Ministro falou só das coisas negativas, não falou das coisas positivas. O Sr. Primeiro-Ministro deveria ter falado das coisas que foram bem-feitas, isto é uma política real.

*Aplausos.*

**O Sr. Presidente:** — Srs. Deputados, estamos no período de debate, mais intervenções?

Srs. Deputados, quero informar da disponibilidade do tempo: o Governo tem 112 minutos, o ADI tem 112 minutos, o MLSTP/PSD tem 54 minutos e o PCD tem 17 minutos. A UDD já consumiu o seu tempo.

Srs. Deputados, mais intervenções?

Srs. Deputados, o vosso silêncio pressupõe que está tudo claro ao nível do Programa.

Sras. e Srs. Deputados, como prevê o Regimento, não havendo até agora por parte de algum dos senhores a vontade de intervir, pressupõe que está tudo claro e nesse sentido convidarei os líderes dos grupos parlamentares para se pronunciarem se tiverem alguma intervenção a fazer.

Não havendo, considero adoptado o Programa do XVI Governo Constitucional.

Tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro para fazer a sua última intervenção.

**O Sr. Primeiro-Ministro:** — Sr. Presidente da Assembleia Nacional, Sras. e Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados: Em primeiro lugar, queria dizer que as palavras do Sr. Deputado Felisberto Afonso correspondem exactamente ao estado de espírito do Governo. Queria dizer também ao Sr. Deputado que o Governo e o Chefe do Governo irão visitar todas as instituições e iremos também sublinhar tudo de bom que foi feito no País.

No meu discurso frisei que, de facto, há alguns progressos, mas como o Sr. Deputado também notou, o País poderia estar melhor e temos que trabalhar todos neste sentido.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, acabamos de apresentar o Programa, não havendo debate e perguntas, não posso deixar de frisar que o Governo sempre estará disponível para regressar a esta Casa Parlamentar, quando Vossas Excelências assim o desejarem para podermos iniciar os debates que têm a ver com questões que de facto dizem respeito a todos os sãotomenses e que só poderão ser resolvidas e coroadas de êxito se houver a participação e a contribuição de todos.

Por isso, mais uma vez agradeço a paciência desta augusta Assembleia. Agradeço também o facto de este Programa do XVI Governo Constitucional ser apreciado e aprovado para o bem da Nação e dos sãotomenses.

*Applausos do ADI.*

**O Sr. Presidente:** — Sras. e Srs. Deputados, com a vossa permissão, declaro encerrada a sessão.

*Applausos do ADI.*

*Eram 10 horas e 35 minutos.*